

A VIAGEM

Márcia Ramalho

Impressão da asa do avião estar roçando a ponta da cidade, lá em baixo. A esteira de espuma que um navio deixa atrás de si nas águas do Guaíba. Aeromoça oferecendo chicletes. A fita da pista de aterrisagem ficando cada vez mais perto. Ela pensa que a essa hora o professor deve estar fazendo a chamada e que ela é apenas uma aluna ausente a uma aula de Semiologia, lá no Rio de Janeiro.

No saguão do aeroporto, procura um lugar onde possa tomar um xícara de café. O sol ilumina um céu onde as nuvens passeiam enroladinhas de frio.

— Táxi!

Entrada de cidade: anúncios, anúncios. A cidade despejada sobre as coxilhas, roída de edifícios, praças e passarelas. Escolhe um hotel perto da Telefônica e a dois passos da rua da Praia. A recepção é decorada com móveis nobres e o porteiro amável e curioso. Ele se pergunta como é que pode uma moça tão nova vir se hospedar sozinha num hotel grande como esse. Ela pede um quarto do lado do sol e depois ajeita com graça o chapéu em frente ao espelho.

Enquanto ainda é manhã, um passeio pelas ruas próximas. Na bolsa, o quase milhão que conseguira economizar, juntamente com um livro de cheques. Precisara vender suas ações mas depositara tudo num banco. Através das vitrines

coloridas das lojas de moda, o reflexo dos homens engravados portando sérias maletas de couro. Feliz, os olhos fiscalizando letreiros, postes, anúncios, placas de carro, grupos de gente e bancos de jardim, ela compra um saco de pipocas e atravessa as ruas sem olhar. E os automóveis param.

Engole a comida do almoço correndo, sem prestar atenção no que está sendo servido. Pede um copo de vinho. Café e cinzeiro. Pensando, os olhos pregados no teto, derruba o guardanapo no chão e o garçon o levanta. Mas ela nem se dá conta.

Vai para o quarto e pede uma ligação para o Rio. Deita na cama sem tirar os sapatos e acende outro cigarro. Muda de idéia e pede para cancelarem a ligação. Em seguida, tira do fundo da bolsa a passagem de volta para o Rio e a coloca na mesa de cabeceira. Fica séria. Olha para a passagem verificando dia e hora de vô. Fica triste. Ela está marcada para esse mesmo dia, à noite. Imagina que certamente não precisará voltar para o Rio. Ainda mais que iria gostar de morar ali. Rasga a passagem em minuciosos quadradinhos e começa a se pentear, sonhadora.

Como se fosse para uma festa. Veste uma jaqueta sobre a camisa aberta e enfia as calças de veludo de que mais gosta. Cabelo fino e liso caindo dos lados do rosto até o meio das costas. Maquilagem quase invisível. Olhos brilhando atrás das novas lentes de contato azuis para melhor se disfarçar. Por último, as longas botas de camurça até o meio da perna. Pronta para o xeque-mate. Com esperanças de colocar um certo rei em perigo.

Chama um táxi e indica a rua bem longe onde fica o castelo: o endereço foi arranjado em segredo e com muita cautela. O motorista ouve no rádio a transmissão de um jogo no Beira-Rio. O táxi quase não corre. Ela aperta o coração batendo forte e tenta prestar atenção no vô das lanchas percorrendo a espinha do rio. O táxi segue lento uma das margens.

O motorista sabe que ela mal conhece a cidade e aproveita para encompridar o caminho.

O edifício. Fortaleza inexpugnável? Em breve iria saber. Mas salta do táxi se sentindo um pouco intrusa.

Primeiro andar: há um espelho torto pendurado na parede pintada de cinza claro. Teve um dia que ele disse que não queria que ela ficasse triste e rodou com ela nos braços no último degrau de uma escada que dava para o mar.

Segundo andar: puxa, ele tinha uns olhos de piscina que ela nunca tinha visto iguais e um cabelo negro escorrido e um sorriso de príncipe que ela não se cansava de admirar e que vivia recordando quando olhava para as fotos que tirara dele na praia quando passou aquele velho pescueiro fazendo roque-roque no mar e ele contou coisas de sua infância.

Terceiro andar: ele escrevera muitas cartas carinhosas para ela e numa delas dizia até que o que ela tinha construído dentro dele era bonito demais e que não valia a pena deixar virar tapera porisso ela voltara carregando tanto cimento junto com o novo projeto para a reconstrução.

Quarto andar: era bem verdade que já haviam se passado quatro anos depois que eles tinham terminado mas ela sempre achava que devia haver ainda alguma coisa para ser revivida.

Quinto andar: É aqui. Seu olhar percorre os quatro cantos da porta e se fixa no olho mágico. Espera que ele esteja em casa a essa hora. Aperta a campainha num apelo breve. Percebe um caminhar sem pressa em direção à porta. Aberta. Ela o reconhece imediatamente. Azul, azul, belo como sempre. Esconde com força o sorriso, a felicidade, a surpresa, a alegria e a maravilha desse encontro para ele não ficar pensando nada e pergunta:

— Boa tarde. É aqui que mora...?

É sim. É ele mesmo.

— Eu vim...

Ela acaba entrando no apartamento e ele, incauto, nada de reconhecê-la. Vencendo livre o espaço do pequeno apartamento em ordem. Surpreso e satisfeito: ela é muito bonita. As pernas ainda bem mais longas dentro das botas macias. Um azul olhar meio triste. Um pouco nervosa, ele pensa. Ela acende um cigarro para ocupar as mãos. Ele parado, curioso, esperando.

Ela se faz passar por outra, sem hesitação, durante a conversa que se esboça. Ele franze os cantos dos olhos, achando muita graça da seriedade dela e do modo como conta as coisas. Na armadilha, sem se dar conta. Os objetos que o cercam, pendurados na parede, espalhados no tapete, têm, cada um, um sentido oculto, impenetrável. Mundo que ela gostaria de poder decifrar de *a* a *z*.

Pouco a pouco ele vai ficando mais perto, mais interessado. Deixa a ironia de lado, a indiferença de lado. Segura a mão dela alisando com a ponta dos dedos a pele macia. Brilha os olhos. Azuis de verdade. Está tão perto que ela sente vontade de abraçá-lo. Então lhe conta tudo. Os erros, os motivos, os sentimentos. Ele ouve com atenção. Perdoa, perdoa sim. Fica contente. Faz planos. Os dois iriam estudar na mesma faculdade. Morando juntos. Passeios em parques com flores nas mãos em câmara-lenta morrendo de frio. Lanchas voando. Carros de corrida em pistas de provas. Um jarro amarelo com flores do campo na mesa da copa. Janela com vista para entusiasmados por-de-sóis no Guaíba. Assistindo aulas até tarde para pegar depois o asfalto negro da meia-noite de volta para casa. Dormindo com três cobertores. O minuano penteando a cidade. Arrepiando a cidade. Acorda.

Está sentada no corrimão da escada em frente à porta do apartamento dele que ninguém viera abrir. O silêncio áspero. A longa espera. Desce as escadas para pedir maiores informações ao porteiro. Ninguém. Compra um vespertino no

jornaleiro perto. No fundo da rua um cantar de rodas no asfalto. Um chiar de rodas.

Ali mesmo abre o jornal. Lê que o acidente se dera naquela manhã com um avião cujo destino era o Rio de Janeiro.

Entre os passageiros, um nome que ela sabe: o do proprietário de um pequeno apartamento do qual ela conhece somente a porta e todos os mistérios.